

**COMUNICAÇÃO SOCIAL EM SAÚDE E
EDUCAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**COMMUNICATION SOCIALE EM SANTÉ
ET ÉDUCATION: RAPPORT
D'UNE EXPÉRIENCE**

*Everardo de Carvalho*¹

CARVALHO, E. Comunicação Social em Saúde e Educação - Relato de Experiência. Rev. Bras. Cresc. Des. Hum. 111 (1): São Paulo, 1993

RESUMO

O presente trabalho apresenta um relato de experiência realizado pela CNBB - Pastoral da Criança, que optou por desenvolver um modelo de intervenção nos meios de comunicação social no Brasil.

A opção pelo rádio se deu por vários motivos: grande penetração nas populações de baixa renda grande credibilidade, baixos custos, etc.

A decisão de atuar na área de comunicação tem por base o processo de formação da cidadania e o estabelecimento da dimensão macro e micro-social onde ocorrem e se estabelecem as relações humanas Outro aspecto também importante é o descaso que existe na média brasileira quanto à importância do tema saúde e desenvolvimento infantil.

Nesse sentido, optou-se pela elaboração e disseminação do ' Programa Viva a Vida' que entra em 1993, em fase de avaliação.

RESUMÉ

Il est présent~ un rapport d'expériences fait par la (CNBB¹) – Pastoral da Criança², qui a choisi de développer un modèle d'intervention dans les milieux de communication sociale au Brésil

Le choix de la radio a été motivé par plusieurs raisons: grande portée dans les populations à bas revenus, grande crédibilité, coût réduit, etc.

La décision d'agir dans les milieux de communication s'appuie dans le processus de formation de la citoyenneté et dans l'établissement de la dimension macro et micro-sociale où se tissent les relations humaines. Un autre aspect fondamental, est le manque d'intérêt de la part des médias brésiliens quant à l'importance de sujets tels que la santé ou le développement infantile. C'est dans ce sens qu'a été prise l'option d'élaborer et diffuser le "Programa Viva a Vida" qui entre en 1993 dans sa phase d'évaluation.

¹ Médico sanitário da FNS/MS; assistente técnico em Comunicação Social CNBB - Pastoral da Criança - Brasil.

A CNBB - Pastoral da Criança fez, há mais de um ano, a opção de criar um modelo de intervenção nos meios de comunicação social no Brasil. Esse modelo foi amadurecido através de sucessivas oficinas de trabalho, por todo o país, reunindo representantes de vários segmentos sociais e profissionais que lidam com comunicação popular, até que chegássemos a um desenho viável e exequível.

A decisão de atuar na área da comunicação de massa encontra seu referencial, entre outros aspectos, no reduzido espaço ocupado pelo tema "criança" na mídia. Pesquisas realizadas pelo IBASERJ, durante o mês de abril/92, abordando os conteúdos dos noticiários de televisão, revelaram uma presença mínima e prejudicada pela abordagem carregada de preconceito. Em relação à saúde da criança, não houve uma citação sequer, ou seja, a questão da criança, e, especificamente as questões da saúde e desenvolvimento da criança, pouco ou nenhum espaço tem nos meios de comunicação de massa.

Mas qual o motivo para uma primeira opção pelo rádio? Em primeiro lugar porque o Brasil é um país que ainda tem, sendo oitavo, 40 milhões de analfabetos, pessoas que não têm acesso aos códigos da linguagem escrita dos materiais impressos de informação e educação. O rádio, de alguma forma aponta como um espaço privilegiado para que se atinja essa grande margem de excluídos no país. Além desse argumento, existem outros; o rádio nas populações de baixa renda é o meio de maior expressão no cotidiano e possui uma grande credibilidade.

Os custos de produção e veiculação do rádio, diferentemente dos custos de produção da televisão e outros recursos audio-visuais, é acessível e contribui para a viabilidade de um projeto vinculado à comunicação popular.

Em consequência desses fatores, e de um forte apoio da UNDA, organização que congrega as emissoras de rádio católicas, partimos para o desenho de um programa de rádio, dentro do formato de rádio revista, denominado "Viva a Vida". Com duração de 15 minutos, destinado à veiculação semanal, este programa é produzido em duas versões: a primeira destinada aos públicos das regiões SUL, SUDESTE e CENTRO-OESTE, e outra destinada às regiões NORTE e NORDESTE.

Por que duas versões do programa Viva a Vida? Porque o Brasil é um país dono de uma diversidade cultural muito grande. Temos do Norte ao Sul do país várias culturas e realidades, seria

muito difícil atender à signagem multiforme fazendo um só programa. Num primeiro momento a solução se dá na criação de dois esquemas de produção, destinados ao complexo cultural NORTE/NORDESTE, tendo como base uma certa unidade cultural, já que a ocupação do Norte foi feita por nordestinos que fugiram da seca e se transformaram na mão de obra do ciclo da borracha, daí surgindo forte identidade cultural. A mesma lógica se reproduz no SUL/CENTRO-OESTE, onde colonos oriundos da pressão econômica sobre os minifúndios povoaram os estados do Mato Grosso, Goiás e Rondônia.

Nossa previsão, na época do lançamento do programa, julho de 1991, era de atingir 30 emissoras, entre as regiões Sul, Norte e Nordeste. Surpreendentemente, em dezembro do mesmo ano, já havíamos atingido 279 emissoras em todo o país. Hoje², o programa radiofônico Viva a Vida, está presente em 522 emissoras de rádio, sem contar as chamadas emissoras comunitárias. Diante de tal expansão, podemos considerar o programa como um sucesso editorial, principalmente diante do fato dele ser transmitido gratuitamente pelas emissoras de rádio.

A distribuição e controle de veiculação é feita diretamente pelas coordenações diocesanas ou paroquiais das cidades sedes das emissoras, cabendo ao nível central a responsabilidade pela produção, cópiagem e envio das fitas às paróquias e dioceses.

Tendo como ponto de partida uma demanda espontânea de criação de versões regionais e locais do Viva a Vida, geralmente acoplados à versão produzida por nós, estamos iniciando um processo de capacitação de comunicadores populares em saúde, com concentração na produção radiofônica. O objetivo dessa iniciativa é, a médio e longo prazo, autonomizar os grupos populares e comunidades para que produzam seus próprios programas - é assim que entendemos a democratização do uso de meios de comunicação.

Paralelamente à realização das oficinas de rádio, estamos destinando parte do tempo dos encontros regionais e diocesanos à formação de grupos de leitura crítica dos meios de comunicação de massa, assim como pensamos em expandir as oficinas de capacitação de comunicadores populares para a área de vídeo, teatro e imprensa alternativa

Uma nova fase do trabalho com o rádio está se impondo. É preciso estudar o papel do programa na formação da imagem institucional, como apoio ao trabalho das lideres da Pastoral da

2 No momento da revisão do presente texto, novembro/92,

Criança, como instrumento de informação na área de saúde da mulher e da criança, na mobilização e organização comunitária. Para isso, com o apoio da Universidade de São Paulo, o prof. Mauro Wilton de Souza, da Escola de Comunicação e Arte, desenvolveu um modelo de investigação de natureza qualitativa e quantitativa destinado à avaliação do Viva a Vida, previsto para iniciar as atividades de campo em março de 1993.

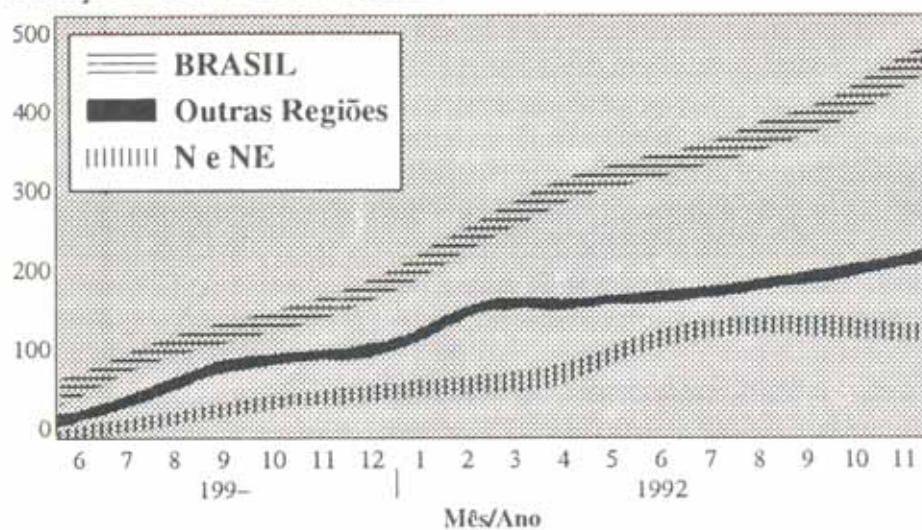
Um aspecto sobre o qual nós gostaríamos de chamar a atenção, relativo à estrutura do Viva a Vida é sua preocupação com o processo de formação da cidadania. Com esse objetivo alternamos temas específicos da criança, mulher e saúde, com temas gerais vinculados aos direitos sociais básicos da cidadania. A preocupação é estabelecer um vínculo permanente entre a dimensão macrosocial e a microsocia, onde os processos vitais ocorrem e onde se estabelecem as relações humanas.

Para encerrar este relato, gostaria de me reportar ao Relatório McBride, da UNESCO, na

passagem onde diz o seguinte: Alojé em dia se considera que a comunicação é um dos aspectos dos direitos humanos, mas esse direito é cada vez mais concebido como o direito de comunicar, ultrapassando o direito de receber comunicação ou ser informado. Acredita-se que a comunicação seja um processo bidirecional, cujos participantes, individuais ou coletivos, mantém um diálogo democrático e equilibrado. Essa idéia de diálogo contraposta ao monólogo é a própria base de muitas idéias que levam ao reconhecimento de novos direitos humanos. O direito à comunicação constitui o prolongamento lógico do progresso constante em direção à liberdade e à democracia. Todo mundo tem o direito de comunicar.”

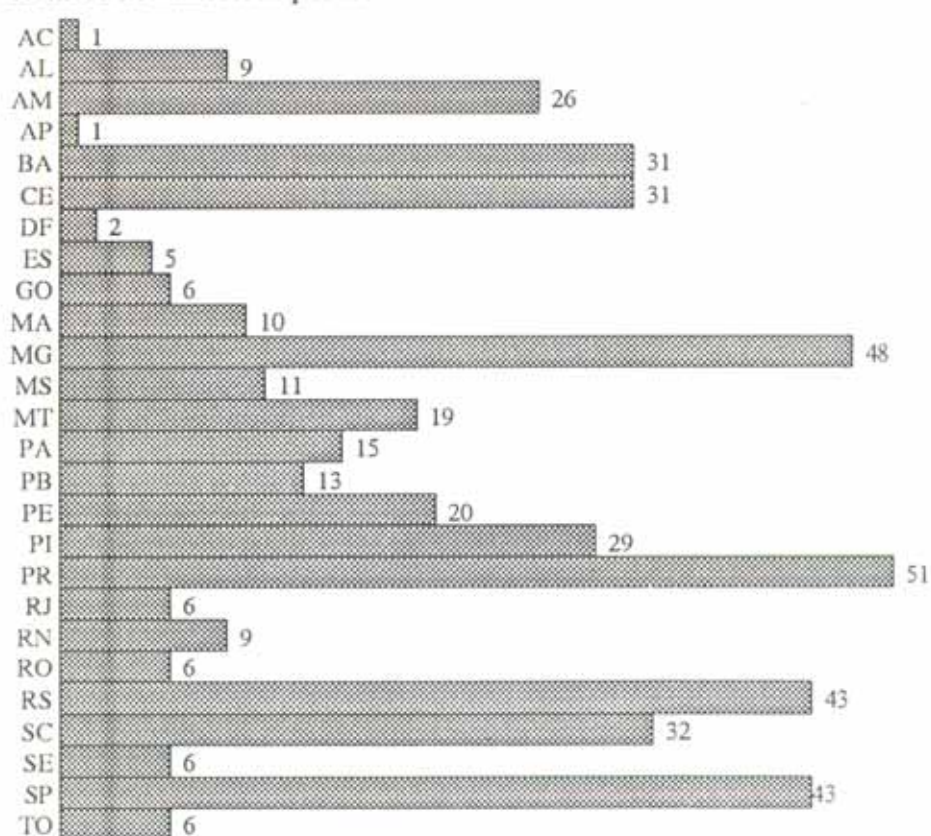
O programa Viva a Vida deve sua existência ao apoio decisivo da CNBB, da Coordenação Nacional da Pastoral da Criança, das milhares de coordenadoras e líderes comunitárias e do apoio financeiro do FUNUAP e do UNICEF.

Evolução do Número de Emissoras



Fonte: Cartas enviadas pelas Dioceses à Coordenação Nacional da Pastoral da Criança até o dia 03/11/92.

Número de Emissoras por Estado



* O Programa de Rádio Semanal "Viva a Vida" da Pastoral da Criança é produzido de forma regionalizada por: (1) Fundação D. Avelar Brandão Vilela/Rádio Pioneira de Teresina-PI para as regiões Norte e Nordeste; (2) SIR-Laboratório de Som e Imagem-Curitiba/PR para as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. O Programa tem 15 minutos de duração e veicula temas educativos sobre saúde, nutrição, educação, paternidade responsável e assuntos gerais de interesse para o desenvolvimento da população de baixa renda.